



Para mais informações, contate:
Coimbra Sirica, tel: +52 1 55 2153 8038;
csirica@burnesscommunications.com

Para uma cópia do estudo, contate:
Katy Lenard, +1 301 652 1558;
klenard@burnesscommunications.com

**SOB EMBARGO ATÉ SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2008
10h30 CIDADE DO MÉXICO (11h30 AM US ET)**

Pesquisadores afirmam que Melhor Triagem e Tratamento, bem como Vacinas mais Baratas, podem Impedir a Duplicação do Número de Mortes devido ao Câncer Cervical na América Latina

Especialistas reunidos na Cidade do México discutem a promessa, os custos de detecção e a introdução de novas vacinas contra o vírus que causa o câncer que mata na região cerca de 33 mil mulheres por ano

CIDADE DO MÉXICO – (12 de maio de 2008). Cerca de 33 mil mulheres morrem anualmente na América Latina e no Caribe de câncer cervical, uma doença que poderia ser prevenida e que é causada por um vírus que, segundo um novo estudo, infecta 20% dos homens e das mulheres na região, estando presente em 30% das mulheres mais jovens. Novas e significativas oportunidades oferecidas por melhor triagem, melhor tratamento, bem como a garantia de uma vacina a preços acessíveis para meninas e mulheres jovens, poderiam reduzir a mortalidade atual e impedi-la de atingir 70 mil mortes nas próximas duas décadas, segundo uma nova pesquisa que analisa o impacto regional do vírus do papiloma humano (HPV).

Esses resultados estão sendo apresentados na Cidade do México, em uma conferência para discutir o controle do câncer cervical na América Latina e no Caribe. O encontro é organizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-americana da Saúde (OPS), pelo Instituto de Vacina Albert B. Sabin e pelos Centros para Controle e a Prevenção de Doenças (CDC), nos Estados Unidos.

“Essa nova análise, resultado de 15 anos de pesquisa sobre o HPV na América Latina e no Caribe, fornece a primeira avaliação ampla desse vírus na região, sugerindo que ele é muito mais comum do que o esperado e que, na ausência de uma intensa intervenção, haverá um aumento substancial de mortes devido ao câncer cervical,” disse Ciro de Quadros, Vice-presidente Executivo do Instituto de Vacinas Albert B. Sabin, instituição que organizou o estudo, em colaboração com a OPS, o CDC, a Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard e o Instituto Catalão de Oncologia, em Barcelona. “Em última análise, esse trabalho deve convencer as autoridades

governamentais de saúde da região de que chegou a hora de transformar o combate ao câncer cervical em uma prioridade nacional.”

O encontro, que inclui especialistas internacionais em saúde pública, bem como representantes regionais da área de saúde, terá como foco a necessidade urgente de novas abordagens para a triagem e o tratamento, além de vacinas preventivas, para impedir o que poderia ser um aumento substancial das mortes atribuídas ao câncer cervical nas próximas décadas. Segundo especialistas que participarão do encontro, se as lesões pré-cancerosas causadas pelo HPV permanecerem sem serem diagnosticadas e tratadas, cerca de 70 mil meninas da América Latina e do Caribe irão morrer por volta do ano 2030, na fase mais produtiva de suas vidas adultas, afetando, de modo profundo, suas famílias e comunidades.

O destaque do encontro, que se estenderá por dois dias na Cidade do México, será o novo estudo, uma abrangente revisão que fornecerá a melhor evidência, até este momento, da prevalência e do impacto alarmante do HPV na América Latina e no Caribe. O estudo também explora as vantagens econômicas de se adotar uma vacina contra o HPV – que é, atualmente, a imunização mais cara do mundo –, concluindo que, ao longo de dez anos, esse medicamento poderá prevenir mais de meio milhão de mortes na região, cujas implicações financeiras serão extremamente significativas para os sistemas de atendimento de saúde dos países estudados.

A análise indica que a prevalência do HPV entre as mulheres latino-americanas e caribenhas entre 15 e 24 anos de idade é de 20% a 30%. Entre homens, ela é de 20%.

“Nosso trabalho é baseado na revisão de 15 anos de estudos feitos na Argentina, Barbados, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela,” disse a co-autora Maria Teresa Valenzuela, professora de epidemiologia da Universidade dos Andes (Chile). “Este estudo nos fornece informações concretas, baseadas em dados de 33 mil mulheres aparentemente saudáveis. No entanto, acreditamos que eles não representem a totalidade do problema e do impacto do HPV. Este é um problema de suma importância para a saúde pública, pois não se conhecem casos de câncer cervical que não sejam causados pelo HPV.”

O estudo também destaca as diferenças de acesso, entre as populações locais, aos serviços de saúde, que podem impedir que a infecção por HPV progrida até o câncer cervical, ressaltou Valenzuela.

Por exemplo, o estudo estima que, das 86 mil mulheres das Américas que são diagnosticadas todo ano com câncer cervical, cerca de 72 mil vivem na América Latina e no Caribe, regiões que concentram quase toda a mortalidade anual das Américas relacionada a essa doença. Em um estudo de 2003, pesquisadores mexicanos descobriram que, no México, entre 1990 e 2000, uma mulher morreu a cada duas horas, em média, de câncer cervical.

“O câncer cervical é uma doença da pobreza. Sabemos que 80% das mulheres que morrem dessa doença estão nos países pobres, onde simplesmente não há acesso à exames e ao tratamento de qualidade, que previnem, em grande parte, que as lesões pré-cancerosas causadas pelo HPV progridam e as matem. Esse é o caso para a maioria dos países da América Latina e do Caribe,” disse Jon Andrus, Assessor Técnico

Chefe da Unidade de Imunização da OPS. “A tragédia é que o câncer cervical pode ser prevenido se nós concentrarmos simultaneamente na melhoria do acesso à triagem e ao tratamento, bem como na introdução de vacinas contra o HPV, quando essas se tornarem baratas. Se agirmos em conjunto agora, algo pode ser feito.”

As duas vacinas contra o HPV disponíveis atualmente são praticamente 100% eficazes na prevenção de infecções das duas linhagens de HPV responsáveis pela maioria dos cânceres cervicais. Contudo, elas não são ‘vacinas terapêuticas’, ou seja, não podem ser usadas para tratar infecções pré-existentes e, por isso, não substituem o reforço das técnicas de triagem e tratamento.

A análise do HPV e do câncer cervical que será apresentada na Cidade do México inclui novos dados sobre o impacto da vacinação contra esse vírus em seis países – Argentina, Peru, Chile, México, Brasil e Colômbia. Segundo o estudo, a imunização contra o HPV preveniria a morte de meio milhão de meninas por câncer cervical quando elas chegassem à fase adulta de suas vidas, se vacinação for feita em 70% das garotas de 12 anos por dez anos consecutivos.

Quando as vacinas se tornarem mais baratas, o estudo prevê que a ampla adoção desse medicamento contra o HPV dará vigor aos esforços dos países para melhorar seus programas de triagem para o câncer cervical. Especialistas acreditam que, pelo fato de a vacina ser tão eficaz em impedir a maioria dos cânceres cervicais, a triagem só precisaria ser feita duas ou três vezes ao longo da vida de uma mulher – bem menos que a triagem por citologia cervical (papanicolau), que é realizada a cada dois ou três anos e que é geralmente recomendada para mulheres que não receberam a vacina.

“A necessidade de menos testes de triagem forneceria uma janela de oportunidade para que os governos concentrassem sua atenção na melhoria da qualidade da triagem e no acompanhamento e tratamento,” afirmou Silvana Luciani, Gerente de Projetos da Unidade de Doenças Não-transmissíveis da OPS.

Contudo, o custo é um fator-chave para trazer as imunizações contra o HPV para os países da América Latina e do Caribe (e para outras partes do mundo em desenvolvimento), pois há limites financeiros para os gastos nacionais com saúde.

Por exemplo, o estudo descobriu que o preço da vacina contra o HPV usada nos Estados Unidos – que sai por US\$ 360 para as três doses necessárias – teria que diminuir consideravelmente para se tornar acessível na região. A esse preço, o custo da vacinação contra o HPV por apenas cinco anos (para cinco gerações consecutivas de meninas de 12 anos de idade) seria de US\$ 4,7 bilhões para os seis países estudados. Se os custos baixassem para US\$ 50 (para as três doses), o total seria reduzido para US\$ 621 milhões para esse mesmo período de imunização. Caso o preço fosse de US\$ 25, então o montante seria de US\$ 290 milhões.

“Encontramos cenários nos quais, do ponto de vista econômico, a ampla adoção de uma vacina contra o HPV faz sentido, mas também fizemos questão de esclarecer que, mesmo a um custo reduzido, a vacina teria implicações financeiras significativas para os sistemas de saúde nacionais,” disse Cuauhtémoc Ruiz Matus, Chefe da Unidade de Imunização da OPS.

Dr. Ruiz afirmou ainda que é preciso discutir urgentemente o preço das vacinas. Mas disse que o objetivo, em curto prazo, é documentar, de maneira cuidadosa, o peso da doença na região e reunir forte argumentos científicos a favor do lançamento de um novo e multifacetado esforço de combate ao câncer cervical. Essa ação não envolveria apenas vacinas, mas também melhores programas de triagem, que dessem ampla cobertura a mulheres com risco de contrair câncer cervical, bem como serviços de saúde, que garantissem tratamento para todos. Por exemplo, pesquisadores estarão discutindo nesse encontro, na Cidade do México, a eficácia de uma alternativa relativamente simples e barata ao papanicolau, para detectar lesões pré-cancerosas precoces, bem como os usos em potencial de um teste relativamente novo e altamente preciso de DNA para o HPV.

“Como vimos com os recentes sucessos relativos à introdução das vacinas contra o rotavírus e o Hib (*Haemophilus influenzae* tipo b), bem como da própria campanha contra a rubéola, quando os líderes nessa região entendem a natureza da ameaça e a eficácia das várias intervenções disponíveis, eles, com vontade política, agem com visão e precisão impressionantes, potencialmente salvando milhares de vidas,” disse Andrus, da OPS.

###

A Organização Pan-americana da Saúde, fundada em 1902, trabalha com todos os países das Américas para melhorar a saúde e a qualidade de vida de seus povos. Ela funciona como o Escritório Regional da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para saber mais, visite www.paho.org.

O Instituto de Vacinas Albert B. Sabin é uma organização sem fins lucrativos dedicada a salvar vidas, estimulando o desenvolvimento e a distribuição de vacinas pelo mundo. O instituto está empenhado em continuar o trabalho do Dr. Albert Sabin – desenvolvedor da vacina oral com vírus ativo da pólio –, que percebeu o enorme potencial das vacinas para prevenir doenças mortais. Para saber mais, visite www.sabin.org.